

1922: Ettore Ximenes em São Paulo

O ateliê da Vila Prudente e o Palacete Puglisi nas “Impressões de Arte” de Carlos da Maia

Por Alessandro Dell’Aira Tradução: Lauro Spaggiari

São Paulo, a princípio cidade de estilo colonial, tornou-se neoclássica no início do século XX. O escultor italiano Ettore Ximenes nela permaneceu de 1919 a 1926, quando morreu. O ano de ouro do artista foi em 1922, com a inauguração, em setembro, do “Monumento do Ipiranga”, por ele concebido para o primeiro centenário da independência do Brasil. Mas não foi esta sua única satisfação naquele ano. Em julho, o jornalista Carlos da Maia lhe dedicara seis artigos escritos para o diário A Gazeta de São Paulo – e reunidos mais tarde no pequeno volume “Impressões de Arte”. Dessas páginas podem-se obter informações preciosas sobre o ateliê de Ximenes, localizado na Vila Prudente, e sobre uma residência na Bela Vista que, projetada por Ramos de Azevedo, e decorada por Ettore Ximenes, infelizmente já não mais existe: o Palacete Puglisi.

Nascido em 1855, em Palermo, na Sicília, Ettore Ximenes chegou a São Paulo em março de 1919. Por ser um modelador incansável, hábil no plasmar da argila, com a predição e a potência de um escultor-poeta, era ali chamado de o “Michelangelo do século XX”. Graças aos italianos mais influentes de São Paulo, pôde contar logo com grande apoio da alta-sociedade da época. Homem e artista impetuoso, além de escultor, era também pintor e desenhista. Quando começou a dedicar-se aos concursos, sua fama cresceu.

Monumento à Independência: polêmica

“Suntuoso, vasto, alto, concebido como um poema barbárico”. Assim Ugo Fleres (poeta, jornalista e crítico italiano) define, em 1928, o esboço que Et-



Divulgação

Ettore Ximenes na época de sua estada em São Paulo

tore Ximenes apresentou no concurso promovido pelo governo do estado de São Paulo para o maior monumento à independência do Brasil. “Suntuoso”, porque rico de agrupamentos escultóricos e altos-relevos. “Vasto”, porque a base se apoiava sobre uma estrutura de granito de 1.600 metros quadrados (projetada pelo arquiteto Manfredo Manfredi). “Alto”, porque o mastro da bandeira – empunhado pela figura que alegoriza a independência, e que aparece de pé em uma biga – alcançava 23 metros. É “barbárico” (entendido aqui como neorrenascentista), porque embutia no traçado de inspiração

“colonial” algumas transgressões aos “padrões classicistas”, principalmente no grupo do Juramento de Pernambuco.

Os qualificativos atribuídos ao projeto nunca chegaram a ser, porém, objeto de unanimidade. As polêmicas em torno da obra começaram, sobretudo, por parte dos modernistas. Como lembra a historiadora Aracy Amaral, o futuro monumento era definido por Mario de Andrade como “um colossal centro de mesa de porcelana de Sèvres”, totalmente inadequado para a notabilidade do lugar.

Incomodado ou não com as críticas ao projeto do panteão, o fato é que Ximenes já dera início aos trabalhos, instalando seu ateliê na residência então situada na Vila Prudente, bairro da zona leste de São Paulo. E a despeito de todo o interesse em torno das vanguardas em 1922, a imprensa também abriu espaço para Ximenes. Prova disso é a referida publicação em julho do mesmo ano, pelo vespertino *A Gazeta de São Paulo*, dos artigos escritos por Carlos da Maia – e redigidos, diga-se de passagem, num tom entre o factual e o promocional.

Palacete Puglisi

Os irmãos Giuseppe e Nicola Puglisi Carbone, originários de Riposto, cidade localizada na província de Catania, tinham se estabelecido em São Paulo em 1890. Anos mais tarde, estavam entre os industriais com maior destaque na capital. No período de um quarto de século tinham passado do comércio de gêneros alimentícios entre a Sicília e o Brasil para a coparticipação em instituições de crédito, como o Banco Comercial Italiano. Eram proprietários do Moinho Santista, acionistas da Companhia Refinadora Paulista, da Companhia City de Santos, dos Armazéns Gerais e do Grande Hotel (onde havia até mesmo um cassino) do Guarujá, cidade cuja avenida principal conserva até hoje o nome deles.

Divulgação



O “Monumento à Independência do Brasil”, de Ettore Ximenes, reproduzido em uma antiga cédula de 50 mil-réis

Giuseppe, incentivador da União Açucareira, e representante em São Paulo da Società Nazionale Dante Alighieri, estava, por sinal, entre os que mais se empenharam, em 1911, para a fundação do Instituto Medio Italo Brasileiro Dante Alighieri, para cujo capital inicial contribuiu com vinte mil libras, valor idêntico à contribuição de Rodolfo Crespi e à de Francesco Matarazzo. Nicola, por sua vez, colaborou com dez mil libras. Entre os Puglisi Carbone e o escultor – todos de comum origem siciliana – criou-se uma forte ligação de amizade.

Nicola tornou-se o proprietário de um palacete na Bela Vista, na Rua Santa Magdalena (hoje Rua Santa Madalena), nº 35. O projeto era de Ramos de Azevedo; a decoração interna, de Ettore Ximenes. A edificação era um raro exemplo de colaboração entre os dois grandes mestres. Na área anteriormente ocupada pela construção, da qual subsiste apenas ruína, há hoje um grande estacionamento descoberto.

Carlos da Maia, ao descrever o interior da luxuosa casa, faz referência a um friso único esculpido sobre três paredes da sala, e dedicado a “figuras representativas da arte italiana em suas diversas manifestações, tendo como ponto de convergência o gênio de Dante”. Segundo ele, o ornamento era um “symbolo de gratidão” oferecido aos donos da casa. O teto exibia afrescos com temas mitológicos (as Graças circundadas pelas Ninfas) e com referências à história da Itália. Nas duas paredes da sala de jantar, Ximenes havia pintado uma cena da flora local, com jequitibás e orquídeas, e em outra, a praia do Guarujá – orgulho dos Puglisi Carbone –, com um estabelecimento balnear, carros e banhistas. No restante do palacete, havia bustos, estátuas, um vitral (desenhado por Ximenes) que separava o salão da sala de jantar, e uma saleta dedicada ao artista com obras suas, entre as quais um busto de Zina –

Arquivo do Colégio Dante

Nome	Total
Rodolfo Crespi	20.000
Giuseppe Puglisi Carbone	20.000
Francesco Matarazzo	20.000
Nicola Puglisi Carbone	10.000
...	...

Página de um livro contábil de 1912 com a lista dos financiadores do novo Instituto Medio Italo Brasileiro de São Paulo. Nos primeiros lugares, com 20 mil liras cada um, Rodolfo Crespi, Giuseppe Puglisi Carbone e Francesco Matarazzo. Nicola Puglisi Carbone contribuiu com 10 mil liras

talvez a “senhora X”, no livro de Fleres – e um bronze de David, vencedor de Golias.

Registros

Da edificação dessa propriedade de Puglisi, na Rua Santa Magdalena, e das modificações que ela sofreu no tempo, há rastros no Arquivo Histórico da Prefeitura de São Paulo. O primeiro documento é de 18 de agosto de 1915, e consiste no pedido feito por Nicola Puglisi Carbone para avançar o encanamento até a Rua 13 de Maio, de modo a refazer a conexão da residência à rede de água. Em outro registro, de 1918, além dos trabalhos de reconstrução de um muro de contenção do jardim, assinala-se a execução de algumas obras internas, entre as quais a transformação da sala de bilhar em sala de jantar.

Data de 25 de julho de 1919 o envio, por Ramos de Azevedo, a cargo de Nicola Puglisi Carbone, de um pedido ao prefeito de São Paulo para a reformulação total

do edifício da Rua Santa Magdalena. Os trabalhos a serem realizados são complexos. O projeto se refere a uma construção a ser erguida mediante prévia demolição da existente, da qual restaria apenas a sala de jantar. Era, de fato, um sobrado, com dois andares e um porão. No pedido, em papel timbrado do escritório de Ramos de Azevedo, foram anexadas cinco grandes plantas: a seção frontal e transversal do edifício, o porão e os dois andares superiores.

Coincidência ou não, em 1919 Ximenes está em São Paulo por quatro meses. Os projetistas do palacete, muito provavelmente, estavam informados do seu futuro envolvimento na decoração dos ambientes internos. Esse excepcional binômio de profissionais era o orgulho do proprietário. A bem da verdade, a nova fórmula prestava-se para a geração de réplicas, e era certamente bem-vista tanto por Ramos de Azevedo, como pelo artista “vindo de longe”. Não é por acaso que, em julho de 1922, os

seis artigos de Carlos da Maia se referiam aos dois polos mais significativos e simbólicos da assim considerada dupla de artistas: o ateliê, na Vila Prudente, e o Palacete Puglisi, na Bela Vista.

Em um desses artigos, Carlos da Maia assim se exprime (texto reproduzido com a ortografia da época): “O palacete Puglisi é um monumento de arte architectural como poucos existem em São Paulo. Dois grandes profissionais collaboraram nelle: a construção é de Ramos de Azevedo; a decoração é Ximenes (...).”

Posições

Ancoradas no fulgor e no esplendor social, as ambições da família Puglisi Carbone, não obstante, sofreriam logo um duro golpe. A causa da sua derrocada financeira e do conseqüente afastamento da vida social foram as dívidas de jogo contraídas nos anos seguintes à construção do palacete. Dessa forma, os Puglisi Carbone perderam grande parte das suas propriedades.

Coleção particular



“David vencedor de Golias”, de Ettore Ximenes. Bronze visto por Carlos da Maia na casa de Puglisi Carbone (São Paulo, 1922)



Projeto de modificação do edifício da Rua Santa Magdalena, de autoria de Ramos de Azevedo, enviado ao prefeito em 1919

Cidade desde seu nascimento predominantemente colonial, São Paulo tornou-se, como já dito, neo-clássica no início do século XX, e foi, daí em diante, por força de seu rápido crescimento e desvairada transformação, atropelando monumentos, histórias, memórias e fortunas. O escultor Ximenes, “que de longe veio”, por aqui ficou mais do que o previsto e assim fincou seu controvertido estilo. Ugo Fleres resume a contento, a despeito de algumas imprecisões, o livreto de Carlos da Maia e as polêmicas nascidas nos ambientes intelectuais paulistanos sobre a obra do artista siciliano, se bem que ele pareça elevar a própria opinião sobre Ximenes à dimensão de uma unanimidade crítica nacional.

Seja como for, depois de se questionar, de modo um pouco retórico, sobre se a arte verdadeiramente representativa consiste ou não na ilusão de criar o verdadeiro, conclui com uma frase não menos comprometedora que arriscada: “Esperemos que cesse o barulho do *jazz band*, e então, somente então, será o momento de fixar no campo da história da arte italiana o lugar do escultor Ettore Ximenes.”



São Paulo, Palacete Puglisi; restos do muro do jardim, no cruzamento da Rua Santa Madalena com a Rua Doutor Alfredo Ellis